



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Record News**

**São Paulo-SP, 27 de setembro de 2007**

**Jornalista:** A Record News recebe o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para a primeira entrevista do telejornal Record News Brasil. Comigo estão os jornalistas Eduardo Ribeiro e Cristina Lemos. Boa noite, Presidente, obrigado por atender ao nosso convite.

**Presidente:** Boa noite.

**Jornalista:** A minha primeira pergunta é sobre a relação do governo com o Congresso. O PMDB, seu partido mais poderoso e aliado, acaba de derrubar a medida provisória que criou a Secretaria de Planejamento de Ações de Longo Prazo. Isso foi uma surpresa, Presidente?

**Presidente:** Olha, de vez em quando as pessoas colocam como briga e como divergência uma derrota no Senado. É importante lembrar que no mesmo dia nós derrubamos todas as emendas contra a CPMF, dentro da Câmara dos Deputados. E no mesmo Senado foram votadas quatro medidas provisórias de interesse do governo.

Ora, se nós concordamos e gostamos do Senado quando ele vota favorável a nós, nós temos que entender como parte da convivência democrática se ele votar contra alguma coisa que nós mandamos. Eu não tomei nenhuma atitude, não conversei com nenhum senador, conversei apenas com o líder do governo. Eu viajo amanhã para o Rio de Janeiro e na segunda-feira, também, para o Rio de Janeiro. Na terça-feira eu vou tratar de conversar com os líderes para encontrar uma solução.



O dado concreto é que quando eu resolvi criar a Secretaria Especial de Ações de Longo Prazo, em que eu estava pensando? Nós queremos construir um projeto para o Brasil, para deixar o Brasil preparado para quando completar 200 anos de independência, em 2022. E nós queremos trabalhar agora porque, na medida em que o projeto fique pronto, você vai começar a executar as políticas públicas que te permitirão construir o Brasil em que você imagina que os nossos netos vão viver daqui a alguns anos.

E nós vamos criar o Ministério, ou seja, nós vamos fazer e tenho certeza de que o Senado, se teve divergência, nós vamos encontrar um jeito de estabelecer a convergência e aprovar um instrumento que garanta o Ministério.

**Jornalista:** Presidente, eu entrevistei, recentemente, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, uma entrevista que, inclusive, vai ao ar nos próximos dias, aqui na Record News, e ele se mostrou realmente preocupado com uma indiferença sua em relação a ele. Ele chegou a dizer, na entrevista, o seguinte, Presidente: “O presidente Lula não me convida nem para um cafezinho. E olha que o presidente Lula é mais próximo de mim do que eu era do Sarney ou do Itamar Franco, porque o presidente Lula ficou na minha casa de praia, na época que eu tinha”. E aí, Presidente, esse cafezinho vai sair?

**Presidente:** Veja, primeiro, eu não confundo a minha relação de amizade com a minha relação política. Você, muitas vezes, vai perceber que pode ter uma pessoa com quem eu tenha rompido a amizade pessoal, mas continuo com a relação política, ou uma pessoa com quem eu tenha uma grande amizade pessoal e que não tenha relação política.

Agora, no caso do presidente Fernando Henrique Cardoso, nós somos amigos desde 1978. Não foi ele que me procurou para ajudá-lo, fui eu que o procurei para apoiá-lo quando ele foi candidato a senador, em 1978. Ora, isso perdurou até ele deixar a Presidência da República e não se comportar



adequadamente, como um ex-presidente da República se comporta.

Eu me lembro que em janeiro de 2003 eu fui a Davos e me encontrei com o presidente Clinton, e na conversa com o Clinton eu perguntava: “presidente, qual é a posição que os partidos democratas têm com relação ao comportamento do Bush na guerra do Iraque?”. O Clinton falou assim para mim: “Presidente Lula, eu vou lhe dizer uma coisa: nos Estados Unidos, os ex-presidentes não dão palpite sobre a tomada de decisões do atual presidente”.

Mas o que aconteceu? O que aconteceu é que o presidente Fernando Henrique Cardoso não soube se comportar como ex-presidente da República, deu palpite o tempo inteiro, e não se conformou, em nenhum momento, que nós fizemos no governo o que ele não quis fazer. E talvez não tenha feito, não por incapacidade, porque ele é intelectualmente muito preparado. Talvez não tenha feito porque a conjuntura política não permitiu, porque não soube aproveitar as oportunidades.

Vocês sabem que para chegar a viver o momento auspicioso que o Brasil está vivendo hoje, nós cortamos na própria carne, em 2003. O ajuste que nós fizemos em 2003 só pôde ser feito porque eu tinha capital político e resolvi investir o capital político para, num futuro próximo, melhorar a vida do povo brasileiro, e é isso que está acontecendo hoje.

**Jornalista:** Presidente, esses tantos palpites que o ex-presidente Fernando Henrique dá, esse comportamento dele de alguma maneira inviabiliza uma futura, uma possível aproximação entre PT e PSDB, que acabou frustrada no passado? Isso está descartado no horizonte de médio prazo, curto prazo, como é que o senhor vê?

**Jornalista:** O ex-presidente FHC chegou a dizer que o senhor perdeu um momento histórico, uma chance histórica, ao ganhar as eleições, de chamar o PSDB para falar: “o que que nós podemos fazer aqui”. Não para governar, mas



para...

**Presidente:** Por que ele não reconhece que perdeu, quando ele ganhou, que deveria ter chamado o PT? O dado concreto é que em política a gente nunca pode dizer “isso não vai acontecer”. Na política, você trabalha em função dos momentos, das necessidades políticas, das circunstâncias. Nada impede que, em algum momento, o PT e o PSDB possam estar juntos em função de um assunto importante para o Brasil. Eu, por exemplo, gostaria que o PSDB estivesse junto comigo na questão da reforma política. É urgente ter uma reforma política neste País. Todo mundo sabe que não pode continuar do jeito que está. É preciso que os partidos tenham cara, é preciso que os partidos sejam fortalecidos, é preciso que as regras eleitorais sejam bastante visíveis para a sociedade. E por que não fazem? Por que essa tentativa de chantagem, agora, com a questão da CPMF? Todo mundo sabe que o Brasil não pode prescindir de 40 bilhões de reais. Qualquer ser humano minimamente inteligente sabe que não pode prescindir. Ora, se querem fazer uma proposta para acabar com isso, vamos estabelecer um prazo em que você prepare o Orçamento Geral da União para conviver sem a CPMF. Então, uma coisa é você ser um cientista político e teorizar sobre a política, outra coisa é você tentar exercitar, na prática, essa política, coisa que o presidente Fernando Henrique Cardoso dá muito conselho para os outros fazerem, mas não fez quando estava na Presidência.

**Jornalista:** Pelo que eu entendi, o senhor não descartou?

**Presidente:** Eu não descarto nada. Em política, eu não descarto nada, até porque eu sou um democrático e, como democrático, eu sou um homem que gosta de conversar. Acredito que a democracia, a riqueza dela, da convivência política na adversidade, é uma coisa fantástica, e eu não tenho



constrangimento de conversar com alguém do PSDB. Eu sou amigo do Serra, sou amigo do Aécio – certamente espero que eles sejam meus amigos também –, sou amigo do Cássio Lima, sou amigo do Fernando Henrique Cardoso. Ora, mas se nós estamos que nem dois jogadores de futebol, somos amigos, somos até irmãos e estamos jogando em times diferentes, mas vem botinada por aí. Então, o que nós precisamos é ter paciência na hora de uma falta mais grave. Eu estou tranqüilo e o Fernando Henrique Cardoso deveria estar feliz. Se tem um homem que deveria estar feliz, neste momento, é ele, porque eu consegui fazer o Brasil a que ele aspirou e não conseguiu.

**Jornalista:** Presidente, relações internacionais. O senhor é amigo do presidente americano, George Bush, e do presidente venezuelano, Hugo Chávez. Chávez e Bush são inimigos. Afinal, quem é mocinho e quem é bandido nessa história?

**Presidente:** Eu acho que nessa questão de política internacional eu já pude aprender, nesses quatro anos e meio, muita coisa, muita. Eu acho que o presidente Bush estabeleceu uma parceria, com o Brasil, extraordinária, a nossa relação é realmente uma relação, eu diria, muito boa, e acho que a nossa relação com o presidente Chávez também é muito boa. Ora, o que importa para o Brasil é ter uma boa relação com os Estados Unidos, porque são um parceiro importante, é ter uma relação com a Venezuela, porque a Venezuela também é importante. O Brasil tem 4 bilhões de dólares em investimentos na Venezuela. O Brasil tem uma balança comercial com um superávit comercial de 3 bilhões e meio de dólares. Nós queremos ajudar a Venezuela a se industrializar também, porque a nós interessa que todos os parceiros estejam bem, nós queremos trazer a Venezuela para participar do Mercosul.

Tem uma divergência histórica entre a Venezuela e os Estados Unidos



porque o Chávez acha que foi o presidente Bush que encomendou o golpe contra ele, e ninguém tira isso da cabeça dele. Agora, veja o paradoxo da divergência verbal: os Estados Unidos são o maior comprador de petróleo da Venezuela, e a Venezuela vende petróleo para os Estados Unidos mais barato do que vende para outros países. Para cada barril de petróleo, eles têm dois dólares de desconto. Então, de vez em quando eu falo para o Chávez e para o Bush: “se vocês são inimigos mesmo, por que é que os Estados Unidos não param de comprar o seu petróleo, ou por que você não pára de vender para eles?” Porque no fundo, no fundo, tem uma briga que tem uma parte de retórica, na verdade, e tem uma parte que é divergência política, divergência de concepção do mundo, divergência que é um pouco até latino-americana, porque o imperialismo se envolve demais na política interna.

Eu tenho dito ao presidente Bush, e gravei um programa de televisão nos Estados Unidos, dizendo exatamente isso: os Estados Unidos precisam fazer uma política pró-ativa para a América Latina, os Estados Unidos precisam entender que acabou a Guerra Fria, acabou aquela história de quem era comunista ou não era comunista. Hoje, todos os países querem se desenvolver, crescer e gerar empregos, e os Estados Unidos podem ajudar. Eu tenho dito ao Bush e dito a todo governo americano que está na hora deles apresentarem uma política sadia e objetiva para a América Latina.

**Jornalista:** Falando em Chávez, falando em Bush, mas, principalmente, agora, em Chávez, o presidente venezuelano Hugo Chávez caminha para conseguir – o senhor sabe disso – um número indefinido, pelo menos quer, um número indefinido de mandatos. Recentemente, em entrevista à Record, ele falou, chegou até a lançar uma campanha, chegou a lançar uma marchinha, que leva em conta a palavra luta, em espanhol *lucha*: Lula-Chávez. E tem mais: *lucha*, Chávez não se vá. Eu pergunto, Presidente: o senhor já está disposto a subir no palanque do Chávez para cantar: Chávez, não se vá?



**Presidente:** Primeiro, não é meu papel subir no palanque do Chávez, como não é papel do Chávez subir no meu palanque. Segundo, eu sou um defensor da alternância de poder e tenho dito isso a todo momento, acredito nisso. E não falo isso porque sou Presidente, não. Em 1978, eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, tinha acabado de ser eleito presidente com 92% dos votos da categoria metalúrgica. Convoquei uma assembléia e aprovei na assembléia que nenhum presidente do sindicato poderia ser presidente por mais que dois mandatos. Portanto, estou totalmente a cavaleiro para isso.

A segunda coisa é que eu penso que a gente não deveria se incomodar com o Chávez querer um terceiro ou um quarto mandato. Porque a gente não se incomoda com os países em que você tem, por exemplo, Felipe González foi primeiro-ministro 14 anos, Margareth Thatcher foi ministra 12 ou 14 anos, Helmut Kohl foi ministro durante 16 anos, ninguém se incomoda que essas pessoas se reelejem todo dia e toda hora. Ora, quem tem que se incomodar é o povo da Venezuela. É o povo da Venezuela que tem que dizer: “Chávez, não se vá”, ou “Chávez, se vá”. Não é o povo do Brasil. A mim não interessa escolher quem será o presidente de tal país. A mim interessa que o Brasil tenha uma relação de um país soberano com outro país soberano e que essa relação seja de Estado para Estado e não uma relação de pessoas para pessoas.

**Jornalista:** Presidente, a propósito: o gosto do poder é bom? O senhor gosta de mandar no País? O senhor, de fato, manda, ou a máquina emperra?

**Presidente:** Eu não mando, querida. Eu tento cuidar do País. Todo mundo que tenta mandar fica um pouco autoritário. Tem gente que até acha que um presidente não pode pedir desculpas, tem gente que até acha que um presidente não pode pedir por favor. Eu continuo tratando as pessoas que



trabalham comigo como eu as tratava antes de ser presidente, porque eu convivi com elas muito mais antes de ser presidente, e espero conviver muito mais depois de deixar de ser presidente. Se eu for arrogante agora e achar que, porque sou presidente, posso mandar tudo, quando eu terminar o meu mandato vou procurar alguém para falar bom dia e não vou ter. Então, eu sei como é que um ser humano tem que se comportar. O poder é interessante quando você começa a realizar as coisas que você sonha. Eu disse, outro dia, num pronunciamento: eu me considero um brasileiro muito feliz, porque nós conseguimos provar que é possível fazer muita coisa. E você, como jornalista que andou o Brasil, sabe perfeitamente bem que a vida deste povo melhorou e vai melhorar. Agora, sou insatisfeito também, porque eu tinha vontade de fazer muito mais, quero fazer muito mais e, se Deus quiser, vamos fazer.

**Jornalista:** Às vezes, o senhor é criticado por demorar a tomar decisões. No caso da crise aérea, ela não poderia ter sido resolvida antes?

**Presidente:** Ela foi resolvida no tempo em que foi possível detectar todos os problemas da crise aérea para poder resolver.

**Jornalista:** Foi resolvida, Presidente?

**Presidente:** Ainda vai ser resolvida. Veja, nós não temos mais os problemas de aviação que nós tivemos, os aeroportos estão tranquilos, já não têm mais os atrasos, mas nós precisamos resolver alguns problemas que nós temos. É o seguinte: tem mais gente no Brasil querendo viajar. Hoje, não é rico, como era no tempo em que eu fiz a primeira viagem, em 1975. Hoje não viaja só rico não, hoje tem gente pobre que está comprando passagem para pagar em 15 vezes, 70, 50 reais por mês. Então, você está vendo as pessoas mais humildes viajarem. E isso vai exigir melhor tratamento nos aeroportos, melhores





acomodações nos aeroportos, vai ter que ter mais aviões. É preciso que a gente consiga distribuir de forma correta esses vôos para não ter problemas, porque isso é responsabilidade do governo, é responsabilidade das empresas e é responsabilidade de quem toma conta dos aeroportos. E nós estamos fazendo isso. Quando eu chamei o ministro Nelson Jobim para tomar conta do Ministério da Defesa, eu disse: “Nelson, é com carta branca para a gente fazer o que tiver que fazer neste País, para que a gente tenha um esquema de controle de vôo, eu diria, exemplar”.

Agora, veja que coincidência. Depois de toda essa guerra, a instituição que analisa a qualidade dos aeroportos e dos vôos, outra vez colocou o Brasil como um país que tem um dos melhores tratamentos, um dos melhores controles de vôo do País. Porque nós sempre fomos bons nisso. Tivemos uma série de incidentes, Deus queira que não tenhamos mais, e vamos tocar o barco para frente.

**Jornalista:** Presidente, o senhor falou agora há pouco que muita gente passou a voar, as pessoas foram agregadas à classe C, através das suas políticas sociais. O senhor está satisfeito com os índices sociais que o seu governo trouxe e promoveu? Satisfazem o senhor? Se o senhor tivesse que deixar a Presidência hoje, o senhor sairia satisfeito?

**Presidente:** Sairia satisfeito, como eu disse agora, e sairia triste, porque eu quero fazer mais, acho que é possível fazer mais. Hoje, nós temos muito mais, eu diria, *expertise*, temos muito mais conhecimento para fazer muito mais. Agora, você sabe que para fazer política social, você começa plantando a semente de uma árvore. Você planta e fica lá em cima da covinha gritando, jogando água, chega uma hora em que ela começa a crescer, depois ela vai ficar adulta definitivamente e vai começar a produzir frutos. O dado concreto é que a nossa política social já está produzindo frutos extraordinários. Só para



you ter idéia, no combate à pobreza é reconhecido hoje, pelo PNUD, que nós fizemos em quatro anos e meio aquilo que nós teríamos que resolver até 2015. Nós já fizemos agora e tem muito mais para fazer, porque tem muito mais na educação, porque tem muito mais na saúde, porque vai ter muito mais na segurança, porque vamos cuidar muito mais da juventude brasileira. Acabamos de lançar um programa para cuidar de 4 milhões e 200 mil jovens que estão fora da escola, queremos trazê-los para a cidadania, dar oportunidade. Só para você ter uma idéia do que eu estou falando... porque essa coisa vai acontecer. Quem escrever, dizendo que não é verdade, vai ter que engolir depois, quando eu deixar a Presidência, porque os dados (inaudível). Neste País, em 97 anos, foram feitas 140 escolas técnicas. Nós vamos fazer, em oito anos, 214 escolas técnicas. Vamos fazer mais 10 universidades novas, vamos fazer mais 42 extensões universitárias. Porque nós achamos que o Brasil tem que dar o salto de qualidade que precisa dar para se transformar numa economia definitivamente rica e sólida no mundo. Agora, com a crise, vamos ser francos: quanta gente foi dormir imaginando “agora pegamos o Lula, agora o governo dele vai se acabar, porque tem uma crise imobiliária nos Estados Unidos e vai quebrar.” Porque nas outras crises que houve, na crise da Ásia e na crise da Rússia, os ministros do Brasil corriam para Washington para pedir dinheiro. Vocês viram o Guido ir para Washington? Não. Vocês viram o Paulo Bernardo ir para Washington? Não. Temos US\$ 162 bilhões em reservas, temos superávit na balança comercial e estamos tranquilos. A crise é dos americanos, eles que cuidem e nos deixem progredir, pelo amor de Deus.

**Jornalista:** Presidente Lula, muito obrigado pela sua entrevista e por aceitar o nosso convite.

**Presidente:** Obrigado a vocês.